RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 20/03/2021.

DEBORAH KAROLINA PEREZ

INTERNET COMO MODO DE PENSAR O COTIDIANO:
psicologia social em perspectiva

ASSIS
2019

DEBORAH KAROLINA PEREZ

INTERNET COMO MODO DE PENSAR O COTIDIANO:
psicologia social em perspectiva

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: João Batista Martins

Bolsista: CAPES

ASSIS
2019

P438i

Perez, Deborah Karolina

Internet como modo de pensar o cotidiano : psicologia social em perspectiva / Deborah Karolina Perez. -- Assis, 2019

213 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: João Batista Martins

1. internet. 2. psicologia social. 3. redes sociais. 4. feminismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor (a)

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: INTERNET COMO MODO DE PENSAR O COTIDIANO: psicologia social em perspectiva

AUTORA: DÉBORAH KAROLINA PEREZ
ORIENTADOR: JOÃO BATISTA MARTINS

Faculdade de Ciências e Letras
Seção Técnica de Pós-graduação
UNESP - Câmpus Assis

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOÃO BATISTA MARTINS
UNESP / Assis/SP

Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis

Profa. Dra. DANIELLE JARDIM BARRETO
UNIPAR / Umuarama/PR

Prof. Dr. ALEXANDRE BONETTI LIMA
UEL / Londrina/PR

Prof. Dr. FERNANDO LUIZ ZANETTI
UEMG / Frutal/MG

Assis, 29 de março de 2019

Aos militantes das lutas sociais

AGRADECIMENTOS

Durante meu percurso como doutoranda, pude contar com o apoio e a amizade de inúmeras pessoas e a tarefa de nomeá-las é difícil, mas tentarei, de maneira breve, por isso peço que qualquer falha não seja entendida como ingratidão.

Agradeço a João Batista Martins, meu orientador, por me acolher nessa jornada e topar vivenciá-la comigo, me encorajando permanentemente.

Agradeço aos professores Leonardo Lemos de Souza e Danielle Jardim Barreto por me incentivarem a pesquisar e sempre estarem dispostos a ouvir minhas construções acerca desta pesquisa, assim como os agradeço por participarem da banca de qualificação com ideias valiosas para a finalização deste processo e por integrarem novamente a banca para a defesa.

Agradeço ao professor Lupicínio Iñiguez Rueda por me receber na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), bem como no acolhedor e produtivo grupo de pesquisa LAICOS IAPSE, contribuindo de maneira fecunda para esta pesquisa. Sobre isso, agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio que possibilitou minha estadia na Espanha junto à UAB.

Agradeço aos professores que aceitaram compor a banca de defesa, contribuindo para esta fase da minha formação: Leonardo e Danielle, já mencionados, Alexandre Bonetti Lima, Fernando Luiz Zanetti, Alejandra Astrid León Cedeño, Fábio Sagula de Oliveira e Guilherme Elias da Silva. Agradeço, igualmente, aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade e aos funcionários da Seção Técnica de Pós-Graduação.

Sou grata ao Coletivo Geni de Ourinhos-SP por ser um espaço de construção, de (trans)formação e de luta que me possibilita ser ativa socialmente e que contribuiu para o resultado significativo desta pesquisa.

Sou grata pelo auxílio, palavras de conforto e incentivo que recebi de amigas e amigos: Amanda, Ana Clara, Dani, Dirceu, Eduarda, Fábio, Jamilly, Janine, Paula, Stella, Tati.

À minha família, meus pais, Nice e Josias, meus irmãos, Grazzi e Lucas, minha sogra, Magali e meus cunhados Emily, Gustavo e Camila. Espero que desculpem minha ausência em tantos momentos.

Ao Caio, por viver comigo este sonho, me apoiando e me dando suporte em todos os momentos, me fortalecendo para continuar sempre de maneira carinhosa e doce. Saiba que você foi fundamental.

PEREZ, D. K. **Internet como modo de pensar o cotidiano:** psicologia social em perspectiva. 2019. 213f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

O crescimento da internet nos últimos anos gerou muitas dúvidas acerca de seu potencial e de seus efeitos na vida humana. A ampliação de seu acesso, mesmo que ainda muito desigual, não impediu que a internet estivesse cada vez mais presente na vida cotidiana dos sujeitos, tornando-se parte de atividades diversas, logo, das subjetividades. Nesse sentido, constituiu-se também em campo de investigação de diversas disciplinas, tais como a filosofia, a sociologia, a comunicação, bem como a psicologia. Assim, considerando que esta investigação contribui para o desenvolvimento do conhecimento tanto científico, como cotidiano, sob uma ótica aberta e crítica, dando visibilidade às contradições presentes na sociedade e também nos usos da internet, buscou-se analisar as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC a partir da psicologia social de forma a entender o que são as TIC, em especial a internet, inferindo e descrevendo os usos da internet no cotidiano brasileiro, considerando seu contexto econômico, social e político, bem como buscou-se problematizar o papel da psicologia, enquanto ciência e profissão, em relação à internet. Para tanto, desenvolveu-se pesquisa qualitativa por meio de autoetnografia na rede social Facebook. Essa observação sistemática perdurou 2016 e 2017 e resultou em análise descritiva e temática que caracterizou o uso das redes cotidianamente, mostrando seu caráter múltiplo que perpassou desde grandes inovações, até questões afetivas, chegando em um uso institucionalizado no qual a própria internet torna-se invisível. Além disso, este mergulho virtual permitiu perceber o uso das redes com fins políticos e sociais que se apresentou por meio do movimento feminista na internet, em ações de resistência e enfrentamento, as quais possibilitaram discorrer sobre o potencial da internet como instrumento de trabalho comunitário para a psicologia.

Palavras-chave: Internet. Psicologia social. Redes sociais. Feminismo.

PEREZ, D. K. **Internet as a way of thinking everyday:** social psychology in perspective. 2019. 213f. Thesis (Doctorate in Psychology) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

ABSTRACT

The growth of the internet in recent years has generated many doubts about its potential and its effects on human life. The expansion of their access, although still very unequal, did not prevent that the Internet was more and more present in the daily life of the subjects, becoming part of diverse activities, thus, of the subjectivities. In this sense, it has also been in the field of investigation of several disciplines, such as philosophy, sociology, communication, as well as psychology. Considering that this research contributes to the development of both scientific and everyday knowledge, from an open and critical perspective, giving visibility to the contradictions present in society and also in the uses of the internet, we sought to analyze the Information and Communication Technologies - TIC from social psychology in order to understand what ICTs are, especially the internet, inferring and describing the uses of the internet in Brazilian daily life, considering its economic, social and political context, as well as trying to problematize the role of psychology, as a science and profession, in relation to the internet. For that, a qualitative research was developed through autoethnography in the social network Facebook. This systematic observation lasted 2016 and 2017 and resulted in a descriptive and thematic analysis that characterized the use of networks every day, showing its multiple character that ranged from great innovations to affective issues, arriving at an institutionalized use in which the internet itself becomes invisible . In addition, this virtual dive made it possible to perceive the use of the networks for political and social purposes that was presented through the feminist movement on the internet, in actions of resistance and confrontation, which made it possible to discuss the potential of the internet as a community work tool for the psychology.

Keywords: Internet. Social psychology. Social networks. Feminism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa da distribuição de antenas no Estado de São Paulo p. 27
FIGURA 2 – Mapa da distribuição de antenas no Estado do Pará p. 27
FIGURA 3 - Captura de tela do mapa da internet desenvolvido coletivamente p. 28
FIGURA 4 - Tabela de capital social nos sites de rede social p. 56
FIGURA 5 – Tabela desenvolvida por Fragoso, Recuero e Amaral p. 79
FIGURA 6 - Manifestação em Assis-SP no dia 20/06/2013 p. 109
FIGURA 7 – Não é só por vinte centavos p. 110
FIGURA 8 - Reações do Facebook p. 116
FIGURA 9 -Tela da página inicial do perfil do Facebook com edição de legendas pelo computador p. 121
FIGURA 10 - Área de publicação do perfil do Facebook pelo computador p. 125
FIGURA 11 - Tela da página "Diário crônico: apreensões singulares do cotidiano", na janela de informações sobre pessoas, acessado pelo computador p. 134
FIGURA 12 - The Outernet de John Atkinson p. 152
FIGURA 13 - Folder de divulgação do Geni p. 175
FIGURA 14 - Entrada da escola ourinhense ocupada em novembro de 2015 p. 176
FIGURA 15 - Retrato da primeira reunião do Coletivo Geni em dez de 2015 p. 177
FIGURA 16 - Logo do Coletivo Geni p. 178
FIGURA 17 - Oficina da Unifio de 22/02/2016 p. 180
FIGURA 18 - Auditório da UNIFIO na palestra do dia da mulher de 2016 p. 181
FIGURA 19 - Participantes da roda de conversa no AME em março de 2016 p. 181
FIGURA 20 - Palestrantes no Colégio Objetivo de Ourinhos/SP p. 182
FIGURA 21 - 1º beijaço Gay de Ourinhos p. 183
FIGURA 22 - Debate realizado no IFPR em Jacarezinho em agosto de 2016 p. 184
FIGURA 23 - Botton com o logotipo do Geni p. 185
FIGURA 24 - Conversa com uma sala de Educação de Jovens e Adultos – EJA sobre Feminismos e questões de gênero p. 185
FIGURA 25 - Palestra do dia da mulher de 2017 na UNIFIO p. 186
FIGURA 26 - Equipe de trabalho do 1º Remonta p. 187
FIGURA 27 - Equipe de trabalho do Geni no Pré-Remonta p. 188
FIGURA 28 - Grupo de trabalho para o 2º Remonta p. 189
FIGURA 29 - Página do Coletivo Geni no Facebook p. 189

FIGURA 30 - Área de exposição do 2º Remonta p. 190
FIGURA 31 - Área de bebedouro, banheiro e pula-pula para crianças p. 191
FIGURA 32 - Palco principal do Remonta p. 191
FIGURA 32 - Oficina de libras no 2º Remonta p. 192
FIGURA 34 - Parte da equipe que trabalhou no 2º Remonta p. 193
FIGURA 35– Cine Debate “Que Horas ela Volta?" p. 194
FIGURA 36 – Palestra do Dia da Mulher junto à Prefeitura Municipal p. 194
FIGURA 37 – Participantes do documentário "Corpos Vivíveis" no Cine debate p. 195
FIGURA 38 – Reunião com representantes de Coletivos de cidades vizinhas p. 195
FIGURA 39 – Cartaz do projeto “Circuito Remonta” p. 196
FIGURA 40 – Pintura no Circuito Remonta p. 196
FIGURA 41 – 3º Remonta p. 197
FIGURA 42 – Palestra Violência Contra a Mulher em Jacarezinho – PR p. 197
FIGURA 43 – Manifestação política contra o fascismo #elenão p. 198
FIGURA 44 – Circuito Remonta em prol da banda Tons Afro p. 198
FIGURA 45 – Cine Debate "Chega de Fiu Fiu” do Coletivo Think Olga p. 199
FIGURA 46 – Aulão de Política p. 199

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....12
1. INTRODUÇÃO – CAMINHOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO.....20
1.1. Informações de Pesquisa.....20
1.2. Justificativa.....20
1.3. Contextualização do momento das pesquisas em internet..... 25
2. CONHECENDO O BOSQUE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE ÁREAS IMPORTANTES PARA SE CONHECER A INTERNET.....31
2.1. Internet e sua história.....31
2.2. A sociologia de Castells, a sociedade em rede e os movimentos sociais.....33
2.3. A filosofia de Lévy, inteligências coletivas, a virtualdade e a cibercultura.....42
2.4. Comunicação como a ciência primária para o estudo da internet.....50
2.4.1. Raquel Recuero, redes sociais na internet, conexões, atores e capital social.....50
2.4.2. Inês Amaral, sociabilidades emergentes e sociedade 2.0.....58
3. CONHECENDO O BOSQUE: A AVENTURA DA PSICOLOGIA NA DISCUSSÃO SOBRE MÍDIA, TECNOLOGIA E INTERNET.....65
3.1. Nicolaci-da-Costa e o desenvolvimento de uma Psicologia contemporânea.....65
3.2. Pedrinho Guareschi e o desafio de pensar a relação da psicologia com a pós-verdade..... 71
3.3. De carona com os espanhóis Miquel Domènech e Francisco Tirado para pensar Extituição..... 73
4. MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA NO BOSQUE: APORTES PARA ESTUDO DE REDES DIGITAIS.....77
4.1. Notas para uma etnografia no ciberespaço com Debora Zanini.....80
4.2. Conhecendo Robert Kozinets: apontamentos.....82
4.3. Christine Hine, por uma etnografia para estudar o uso da internet no cotidiano...84
4.4. Como se deu o processo de pesquisa?.....95
5. DISCUSSÕES SOBRE A VIVÊNCIA NO BOSQUE.....102
5.1. Contextualização teórica, temporal e política.....102
5.2. A internet no cotidiano, Facebook e subjetividades.....115
5.2.1. Selecionando o local no bosque.....115
5.2.2. Propriedades do Local.....121
5.2.3. Entrada no Local.....133
5.2.4. Mapas descritivos.....134
5.2.5. Análise de Dados do Diário de Campo *on-line*.....136
5.3. O atravessamento de um acontecimento de nome Geni.....172
5.4. Problematizações e questões em aberto.....204
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....208
REFERÊNCIAS.....210

> Há duas maneiras de entrar no bosque. A primeira é experimentar um ou vários caminhos (a fim de sair do bosque o mais depressa possível, digamos, ou de chegar a casa da avó, do Pequeno Polegar ou de Joãozinho e Maria); a segunda é andar pra ver como é o bosque e descobrir por que algumas trilhas são mais acessíveis e outras não. (ECO, U. Seis Passeios Pelo Bosque da ficção, 1932-1994, p. 33)

APRESENTAÇÃO

Leitor(a), eu o(a) convido a conhecer os caminhos trilhados por mim nesta aventura de pesquisar. Apresento-me como psicóloga, mulher, militante feminista e uma esperançosa na busca por condições melhores na sociedade, por isso esta pesquisa aglutina alguns interesses que dizem respeito a minha vida, tais como psicologia como ciência e profissão, internet e transformação social.

Apoiada no ponto de vista crítico de Haraway (1995) acerca da ciência moderna, em que as verdades tornam-se efeitos distorcidos na velocidade do tempo real, proporcionando apenas uma perspectiva parcial de algo, reafirmo meu lugar nesta pesquisa de doutorado como uma construção científica coerente frente a uma ciência localizada num campo de relações de poder e de contestação.

Por isso, "gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados" (HARAWAY, 1995, p.18). Nesse sentido, o conhecimento localizado é aquele que busca vincular o objetivo de uma pesquisa aos instrumentos teóricos e políticos utilizados, tornando possível nomear onde estamos e onde não estamos.

Com a intenção de desenvolver um estudo que construa conhecimento potente para enfrentar um mundo organizado por eixos polarizados de dominação, advirto o(a) leitor(a) que este estudo não se trata de mais um relativismo, mas de um saber localizado, um conhecimento situado e contaminado por todo seu contexto político inerente e que deve estar também na universidade, pois representa uma maneira diferente de produção de conhecimento. E a universidade, como um espaço aberto para o pensamento, tem o dever de acolhê-lo.

Logo, imbricada ao contexto que vivo enquanto psicóloga, docente envolvida com trabalhos sociais, movida pelo conhecimento prático, decidi que era o momento de trazer minha curiosidade acerca da internet para meu contexto acadêmico juntamente com a vivência de práticas sociais.

ENCONTREI UM BOSQUE

De maneira aleatória encontrei-me com o livro intitulado "*A nova era digital: como será o futuro das pessoas e dos negócios*". Fui a uma livraria na minha cidade para comprar um presente de Natal e lá estava a obra para os curiosos sobre tecnologia. Resolvi levá-la na esperança que soubesse mais um pouco da história da internet, mesmo compreendendo que esta seria contada a partir de um olhar muito específico, pois trata-se de um ensaio sobre o que aconteceria com o mundo após uma "Revolução Digital". E os autores, Eric Schimidt e Jared Cohen, ambos executivos da empresa Google, passam a projetar ideias bem estruturadas do que esperam para o futuro das pessoas e de suas identidades, dos valores pessoais e comunitários, dos Estados, da revolução, do terrorismo, dos conflitos e reconstruções.

Schimidt e Cohen (2013) veem a internet como uma criação humana que não é completamente conhecida por ter como característica uma mutabilidade infinita, que permite funcionar como uma válvula de escape da expressão e da energia humana. Além disso, consideram também que a internet é o maior experimento da história envolvendo anarquia, pois há uma ausência de controle hierárquico que ao mesmo tempo em que permite a construção de muitas relações com cada *website* visitado, possibilita fraudes *on-line*, *sites* de grupos que pregam preconceito, por exemplo. Acreditam que por meio da tecnologia, obstáculos à interação humana como geografia, linguagem e informação ilimitada dão espaço para a criatividade e potencial humano. Para tanto, observam e apontam um crescimento do uso de internet, o que seria fundamental para a compreensão das transformações sociais suscitadas por esses meios de comunicação, constituindo assim, uma revolução tecnológica com vistas à ampla disseminação direta de conteúdo.

Segundo os autores, até 2025, a maior parte da população mundial terá saído, em uma geração, da quase total falta de acesso a informação não filtradas para o domínio de toda a informação do mundo através de um aparelho que cabe na palma da mão. Se o ritmo atual da inovação tecnológica for mantido, a maioria da população da Terra, estimada em oito bilhões de pessoas, estará *on-line*. Em todos os níveis da sociedade, a conectividade vai se tornar cada vez mais acessível e prática. As pessoas terão acesso às redes de internet sem fio onipresentes, muitíssimo mais baratas do que as que existem hoje. Nós seremos mais *eficientes, produtivos e criativos.* (grifo nosso) (SCHIMIDT; COHEN, 2013, p.12).

Ainda que essas apostas futurísticas carreguem em si uma prepotência tecnológica em detrimento do contexto histórico, multicultural e político, também revelam valores na fundamentação das suas criações e o que se espera delas. Há um tom de racionalidade organizativa da vida material e social totalizantes que quase beira à ingenuidade, e que mais

proximamente faz perceber uma aliança econômica. Também por esses motivos é que interessa saber o que esperam os criadores de tecnologia, ou, o que querem com elas.

Schimidt e Cohen (2013, p. 13-14) expressam que as tecnologias de comunicação oferecem oportunidades de rupturas culturais e técnicas que fazem e farão com que as pessoas deixem para trás velhos hábitos e criem novos, os quais permitem "manter a mente sempre ocupada, embora encontrar um modo de fazer isso de forma útil ainda seja difícil". Nesse contexto, antigas instituições e hierarquias terão que se adaptar ou correrão o risco de tornarem-se obsoletas, pois serão transformadas de dentro para fora.

Percebe-se na fala dos autores uma divisão do mundo *on-line*, ou virtual, do mundo *off-line*, ou real, os quais em muitos momentos funcionarão juntos. Por conta disso, é apresentado que o objetivo da obra é demonstrar como o "mundo virtual " pode tornar a "realidade" melhor, pior ou diferente. Além disso, incita-se que, no cenário mundial, o impacto mais significativo da difusão das tecnologias de comunicação está relacionado com a maneira pela qual elas ajudam a deslocar a concentração de poder dos Estados e instituições, transferindo-as para os sujeitos. "Para alguns a representatividade digital será a primeira experiência de poder em suas vidas, permitindo que eles sejam ouvidos, notados e levados à sério". (SCHIMIDT; COHEN, 2013, p.14). Assim, além da dicotomia de real *versus* virtual, também se percebe uma falta de crítica quanto às relações de poder exercitadas na sociedade, percebe-se que os autores naturalizam as relações de poder.

Nesse sentido, creem que das várias mudanças que dizem respeito às relações de poder, os governos, em especial os autoritários, perceberão que sua população estará mais difícil de ser controlada. Os autores pautam suas afirmações a partir da narrativa sobre uma visita ao Iraque em que perceberam uma presença intensa de telefones celulares inteligentes, os *smartphones*, os quais, juntamente com todo o contexto, forçou os Estados a mudarem suas estratégias para alcançarem suas ambições, pois nunca existiu tantas pessoas conectadas. Isso implica também em mudanças de práticas individuais com a criação de novos postos de trabalhos (informais e flexíveis), bem como em sua identidade. A velocidade das mudanças aumenta e atinge cada setor da sociedade, incluindo política, economia, meios de comunicação, negócios e normas sociais. Essa aceleração juntamente com a interconectividade apresenta uma nova era de globalização[1], de produtos e ideias. Por isso, para compreender o futuro da política, dos negócios, da diplomacia etc., é preciso entender como a tecnologia está conduzindo várias mudanças nessas áreas. Por exemplo, o caso da organização *Wikileaks* que ao tornar acessível

[1] Para alguns autores a globalização começou nos anos de 1400-1500. Ver Figueiredo, 1992.

milhares de arquivos confidenciais influenciaram ações coletivas como as da Primavera Árabe. (SCHIMIDIT; COHEN, 2013)

Enfim, encontrar informações, muitas vezes, desconexas, contraditórias, e ao mesmo tempo, completamente legítimas por sua origem acerca da área em que se concentra esta pesquisa, a internet, reforça a importância de entrar em contato com esta temática e estuda-la. Uma vez que uma investigação, muitas vezes, configura-se na tentativa de descobrir e criar trilhas para aquilo que se quer saber, esta pesquisa de doutorado retrata um pouco das trilhas investigativas percorridas por mim, tais como o contato com diversas disciplinas, nas quais se desenvolvem ideias sobre a internet, bem como a construção de dados no meu contexto que foram analisados no esforço de compreender o contexto atual povoado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), no tocante à internet e seus usos cotidianos[2] sob a perspectiva da Psicologia Social.

> As tecnologias da informação e comunicação (TIC) podem classificar-se em três tipos: 1) Tecnologias da informação: equipamentos de computação e seus componentes, os programas de computação (software) e os conhecimentos informáticos. 2) Tecnologia das telecomunicações: os sistemas de telefonia e as transmissões de rádio e televisão. 3) Tecnologia de redes: Internet, os telefones celulares, o sistema de transmissão por cabo, os satélites e outras formas de conectividade por banda larga. A tecnologia da informação utiliza os computadores, que são componentes indispensáveis na sociedade da informação moderna, para processar dados com economia de tempo e esforço. A tecnologia das telecomunicações compreende os telefones, incluindo o fax e a transmissão de sinais de rádio e televisão, com frequência através de satélites. A tecnologia de redes tem a internet como seu exemplo mais conhecido, mas também tem sido estendido à telefonia celular, à tecnologia de voz por redes, às comunicações por satélites e a outras formas de comunicação, que, todavia, ainda estão sendo pesquisadas. (VIEIRA, 2012, p.56)

As motivações para adentrar nesta área vinculam-se a lembranças de minha infância e adolescência e que perduraram durante minha formação em Psicologia e se configuraram em uma série de questionamentos que procuro responder neste estudo. Assim, retomo uma memória, das mais antigas, de uma animação futurística que intentava anunciar como seria o mundo modernizado. Trata-se da animação de Hanna-Barbera, "*Os Jetsons*"[3], que mostrava uma a vida cotidiana de uma família formada por mãe, pai, filha e filho que viviam no futuro deste mundo; caracterizado como extremamente urbano e informatizado, com robôs com

---

[2] Cotidiano não possui sentido definitivo, mas pode ser identificado, em princípio, como um território, configurando um lugar com espaço e tempo, resultante de um processo de socialização que relaciona o indivíduo ao grupo e que permite que ele torne sua humana sua vida. O cotidiano permite identificação do que é comum, do que é habitual e sem o qual não seria possível o reconhecimento de si e do outro. É no cotidiano que o sujeito constrói suas marcas identitárias e lugares de reconhecimento, pois é nele que se inscreve a cultura enquanto um conjunto de saberes. É, além disso, um território de contradições, do relativo e do confuso, ou seja, plural, tornando este espaço multiforme e dinâmico. Os efeitos que o cotidiano produz conferem sentidos à vida humana, forjando os indivíduos. (VANALI, 2015)

[3] Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Jetsons>

inteligência artificial avançada, carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, entre outros.

Atualmente, esse cenário não é o que vemos no mundo, mas é inegável perceber que há uma informatização da vida cotidiana. E ainda que não alcance globalmente a população, sua abrangência dá-se pelo fato de que ela, muitas vezes, ultrapassa o nível socioeconômico e nível de instrução da população. Esse potencial de difusão está intimamente ligado à internet que em termos gerais pode ser entendida como:

> [...] um conjunto de redes de computadores que funcionam interligados pelo mundo inteiro, tendo em comum um conjunto de protocolos e serviços, de tal forma que os usuários, a ela conectados, podem usufruir serviços de informação e comunicação de alcance mundial. (FARAH, 2004, p. 26)

Estudar como as mídias, os meios de comunicação, fazem parte da vida cotidiana é algo que considero muito importante. Tenho acompanhado de várias maneiras sua influência sobre a vida cotidiana. Durante os anos 1990, momento de popularização da internet no Brasil, tive o privilégio de conhecer essa tecnologia e ter acesso irrestrito a ela, se fazendo mais presente a cada momento. Em meu percurso educacional a internet sempre foi uma ferramenta presente, desde o ensino fundamental à graduação, estendendo-se até os dias de hoje em minha formação e meu trabalho, ambos voltados à psicologia. Assim, a internet tornou-se constante e ferramenta indispensável em meu cotidiano, seja para ações comunicativas, de pesquisa, entretenimento, divulgação, interação e relacionamentos.

Mesmo não sendo uma nativa digital, ou seja, uma pessoa nascida após o advento tecnológico dos microcomputadores, essa tecnologia tem mudado minha vida profundamente e a vida de muitas outras pessoas ao meu redor. Obviamente, ocupo um lugar de privilégio quanto ao acesso à internet, mas é perceptível como a rotina das pessoas mudaram, suas práticas e escolhas, ainda que sejam pessoas que não usam a internet, pois as mudanças avançam sobre o mundo e incide sobre os relacionamentos, o mundo do trabalho, os desejos, sobre os sujeitos e criam ainda os "excluídos digitais" nomeando as pessoas que não estão conectadas por falta de opção.

Assim, a partir do reconhecimento dessas mudanças em pequenas práticas do dia-a-dia, que vão se alterando e se aperfeiçoando, bem como se difundindo entre diversos grupos heterogêneos na sociedade, decidi tentar compreender esse fenômeno. Porém, longe de usar a possibilidade de estudar mais um fenômeno social descolado dos atravessamentos ético, político e econômico de cada contexto, meu desejo de compreender tal fenômeno é atravessado, além da curiosidade científica, pela minha articulação com a área da Psicologia Social, em especial pelas Psicologias Institucional e Comunitária.

Nesse afã do saber ingressei no programa de doutorado Psicologia e Sociedade no ano de 2014 na Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp. Naquele momento elaborei um projeto de pesquisa que já se direcionava para esse campo de conhecimento que atribuo como sendo uma intersecção da psicologia, da internet, e de outros saberes. Em busca de alguns conceitos que pudessem auxiliar a pensar este fenômeno, encontrei-me, enquanto cursava as disciplinas obrigatórias e optativas do programa, com a Teoria Sócio-Histórica-Cultural trabalhada por meu orientador, João Batista Martins. Ao longo da disciplina pudemos discutir mais profundamente o método de construção de conhecimento desenvolvido por Vygotski (1934/1993)[4], fazendo reavivar a lei dos contrários, da dialética de Marx baseada na filosofia de Hegel[5] e discutida por Kosik (2010):

> A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O "conceito" e a "abstração", em uma concepção dialética, têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa. (p. 18).

Assim, a dialética oferece uma alternativa de análise de fenômeno humano/social de uma forma não mais dual, mas contraditória. Esse encontro foi interessante, pois percebia que as discussões ofertadas pelas bibliografias em Psicologia que tentavam discutir a internet permaneciam numa discussão de causa e efeito sobre seu uso; os efeitos no desenvolvimento infantil, possíveis patologias que poderiam surgir pelo uso ininterrupto dessas tecnologias, bem como uma ovação ao consumo, às más condições de trabalho, à alienação social e manutenção de relações de poder hierárquicas. Além disso, havia os discursos provenientes das instituições de ensino que se revezava em afirmarem-se como inaptas às TIC, e por isso em processo de tentativas de inclusão das mesmas.

Dessa forma, percebi que havia uma polarização dos discursos com relação ao uso da internet, sobretudo da internet móvel, àquela presente nos celulares inteligente, os *smartphones*. Ora, esses discursos ganham um valor positivo por seu caráter de mobilidade, acessibilidade,

---

[4] Vygotski parte dos estudos da Reflexologia que abarcavam os elementos psíquicos primitivos, estudados separadamente e avança – como ele mesmo afirma sobre o desenvolvimento psíquico, dá um salto qualitativo – em direção ao estudo das funções psíquicas superiores. Historicamente, estas levam ao estudo da defectologia que traz à tona a origem das funções psíquicas não mais localizadas na filogênese, mas também na ontogênese e do uso de instrumentos. Inegavelmente, manifesta o sentido cultural e social do homem por meio da linguagem como instrumento psicológico, cuja função vai além da comunicação para ir em direção a uma compreensão topológica de inter e intra relações, ou seja, o homem em relação a ele mesmo e em relação ao mundo, funcionando ativamente, dinamicamente e dialeticamente. Da compreensão dialética é gerada uma necessidade de um método de produção de conhecimento adequado, propondo assim, unidades de análise, das quais nenhum homem pode ser estudado como passivo ou isolado numa ilha psíquica ou biológica.

[5] Dialética é uma forma de pensar a realidade em constante mudança por meio de termos contrários que dão origem a um terceiro, que os concilia.

inclusão, flexibilidade dos serviços e expressão pessoal por meio de possibilidade de personalização particular e manifestação individual; ora com valor negativo indicando o fim da organização social, como afirma Bauman (2003)[6] que a "intromissão" das TIC dominaria a humanidade, pois transforma e transformaria de tal modo a vida cotidiana, que tudo estaria a caminho do fim.

Quando fui notando a polifonia da compreensão do contexto que envolve a internet, que esta começou a ganhar complexidade enquanto objeto de pesquisa. Porém, o intuito dessa pesquisa não se volta a vangloriar-se da racionalidade humana, atribuindo à internet um *status* de milagre criado por meio inteligência humana, uma vez que há muita controvérsia nessa visão. Ao passo que os conflitos e tensões imbricados no estudo das TIC colocam-nos em um novo lugar de se entender, e de se conhecer, trata-se de uma complexidade e dinamicidade que apenas alguma teoria, ou melhor, alguma ideia que superasse a dicotomia de sujeito x mundo, tais como conhecimentos que questionam a relação pesquisador x pesquisado (seja objeto, sujeito, fenômenos, relações, grupos, instituições ou comunidades) poderia tentar oferecer.

Posteriormente, encontrei-me numa disciplina que tratava sobre o tema da saúde mental e saúde coletiva, a qual, mais do que discutir apenas o tema específico possibilitou rever vários pontos problemáticos da produção de conhecimento e práticas em Psicologia Social, em especial sobre ações que são criadas de maneira coletiva e que são institucionalizadas pelo Estado, mas que neste processo perdem muito de sua essência.

Todas essas discussões fizeram com que eu tivesse mais determinação para continuar a pesquisa, além de saber, a partir das minhas experiências com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, que a internet está cada dia mais presente na vida cotidiana.

O futuro chegou e dúvidas sobre ele também. As pessoas passaram a teorizar sobre diversos aspectos do uso das tecnologias, cujo conteúdo das discussões sempre se localizava entre polos contrários, os de aprovação, como a “real” modernização da vida, e os de reprovação que condenavam a vida conectada, *on-line*, como o fim da "essência" humana, a corrupção da natureza. Para mim restava as dúvidas: Quais são os usos cotidianos da internet? Como a internet está presente no dia-a-dia das pessoas? Quais os sentidos que estes usos possibilitam criar? Quais benefícios a internet proporciona? E os malefícios? Há influência do contexto sobre os usos? Por qual meio mais se utiliza a internet? A internet deve ser ofertada para todos?

---

[6] O sociólogo polonês discute a atualidade que pode ser compreendida como uma passagem da modernidade sólida para a que ele denomina de modernidade líquida. A qual sugere que na modernidade tem sido um período em que emergiram novos tipos de comunidades, as comunidades estéticas de caráter flexível e perene que se organizam em torno de um interesse. (BAUMAN, 2003)

Como ela pode ser compreendida e/ou definida? O que muda com o seu surgimento? Como a psicologia se conecta com esse meio? Quais as possibilidades de atuação proporcionadas por ela? Ela realmente exerce força de controle e violência sobre as pessoas? Qual é a sua relação com a realidade? Qual seu potencial de transformação?

Assim, esta investigação pode contribuir para o desenvolvimento do conhecimento tanto científico, como cotidiano sob uma ótica que intenta ser aberta, não produtora de verdades absolutas, e sim crítica, atual, localizada, mas importante para a compreensão da atualidade. Busca ainda poder dar maior visibilidade às contradições presentes na sociedade e também nos usos da internet, construindo um status móvel de conhecimento que não mais se afirma a priori, mas deve sempre se renovar para ampliar as possibilidades de atuação da Psicologia; considerando ainda a desigualdade social que atravessa o tema num esforço para romper com o elitismo presente nos meios de produção científica no Brasil, buscando assim, dar visibilidade a práticas emancipatórias potencializadas pelo uso da internet.

Deste modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as TIC na sua relação com o cotidiano, bem como estabelecer diálogo entre a Psicologia Social e a Internet. Já os objetivos específicos são:

- inferir sobre os usos da internet no cotidiano brasileiro, identificando-os e descrevendo-os;
- investigar o processo de geração de sentidos pelos usos da internet no cotidiano;
- estimar possíveis consequências desses usos;
- problematizar a inserção da Psicologia Social na internet.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscou-se dois grandes objetivos. O primeiro foi o de familiarizamos com a internet e as redes sociais digitais por meio de conhecimento de sua história, seus elementos, seus fundamentos e funcionamento. Também buscou-se aprender o que as disciplinas de sociologia, filosofia, comunicação e psicologia propuseram sobre este campo de conhecimento. O segundo foi aproximar a psicologia social, especialmente por meio da prática comunitária, com a internet, de maneira que pudesse conferir às redes sociais o status de instrumental teórico-prático, mantendo seus valores e práticas sociais, preconizados teoricamente com vistas às práticas solidárias e transformadoras.

A junção entre esses dois pontos deu-se pela experiência proporcionada no processo de pesquisa de campo, entre a etnografia e a participação do coletivo feminista *on-line.* A partir daí reconhecemos o campo da internet como fértil para produções criativas e significantes, por ser um espaço complexo que abarca preceitos mercadológicos, mas também afetos. Nesse sentido, reforçamos que a internet se constitui num campo complexo, pois é usada por seres humanos, e por isso, deve e merece ser discutida amplamente pelas ciências.

No que tange à psicologia, deve-se favorecer a discussão da internet a partir da multirreferencialidade, que pode abarcar ainda conhecimentos que não foram explorados aqui, reconhecendo seus limites e fugindo de afirmações reducionistas.

Em relação à psicologia social, encontramos na prática comunitária, que já utiliza em seu aporte instrumental os meios de comunicação, um caminho para ações específicas ou para favorecer a entrada da psicologia em grupos e comunidades. Contudo, configuram-se em pistas que deverão ser avaliadas em cada contexto específico que se pretende utilizar a internet como instrumento de trabalho do(a) psicólogo(a), pois, diferentemente do trabalho social apresentado pelas teorias da psicologia social comunitária, localizada em comunidades, a abrangência que a internet pode fornecer não se restringe a territórios geográficos, mas espalha-se na sociedade como redes de rede. Esse trajeto nos deixa com o questionamento se a psicologia social que temos disponível e produzimos é suficiente para este novo momento das ciências, dos sujeitos e do mundo, ou se devemos construir um novo caminho, tal que talvez não tenha mais que se vincular a esse nome e território disciplinar para existir?

Nesse sentido, consideramos que as ideias de internet e redes tratam de incitar que se pense numa nova prática de cidadania que exige o compromisso das ciências e de seus profissionais, como foi o caso da discussão sobre a psicologia social e a prática comunitária, relembrando seu papel de promoção de conscientização, de libertação e autonomia, e sua dinamicidade no compromisso social, ético e político.

Recuperando a ideia de Lévy (1999) de que as informações nas redes refletem a cibercultura, ou seja, os modos de pensar e valores de uma sociedade. As quais por serem encontradas exigem a compreensão de suas práticas, o que inclui compreender os novos vínculos possíveis nas redes sociais na internet. Contudo, ainda que se fale de novas práticas, falamos de alguns velhos problemas, os interesses presentes em todas as sociedades.

Estar presente é elemento básico para um trabalho nas redes, mas não o é quando falamos de ser atingido pelas mudanças suportadas nas redes, elas se espalham nas redes das redes sociais digitais de maneira nova e imprevisível. É uma presença desterritorializada e mais flexível, relembrando os processos intelectuais e criativos próprios da atividade nas redes, uma vez que a linguagem e ação são fundamentais neste processo.

Essa criatividade liga-se também ao potencial criador de cada ator vislumbrando um espaço democrático, não livre de interesses, mas capaz de suportar o contrapoder com suas ideias e valores organizativos da sociedade. Ao passo que possibilita que se ensaie e apresente quem sou de diversas maneiras nas relações, pressupondo a alteridade de ser. É lugar de vida e de subjetivação. E exatamente por isso, muitas vezes é lugar de agressividade e ódio, espaço de manifestação de medo e de injustiça.

Assim, o estar do(a) psicólogo(a) nas redes sociais digitais pode ser um estar ativo, indagador e transformador de sua própria realidade, de construção e facilitação de vínculos, de compromisso social-ético e político pensado de maneira inovadora a partir do próprio local que se está. Uma vez que se percebe que ela é sim produtora de subjetividades outras, sejam elas chamadas de digitais (Guareschi, 2017 e Sandin, 2017), ou apenas de subjetividades (Conselho Federal de psicologia, 2009 e Hine, 2015), compreendendo que a atividade cotidiana dos sujeitos com a internet cria novos significados de vida, pois atua diretamente nas relações sociais e afetos produzidos.

De maneira geral, percebemos que a internet pode ser pensada como instrumento de resistência e de enfrentamento de lutas sociais, como a experiência do Coletivo Geni, ao ser utilizada para mobilizar pessoas, mudar sentidos e produzir subjetividade. É difícil encontrar esses elementos retidos na internet em si, pois não há como considerar que o espaço da internet abarca a separação virtual e real, ou *on-line – off-line*. A internet não pode e nem deve substituir as relações face a face, mas ela as torna mais complexas e as coloca num novo contexto.

Também por isso, consideramos a abertura da psicologia clínica para atendimentos via internet como algo que merece aprofundamento e discussão, a qual deve responder por que um (a) profissional de psicologia pode desenvolver tal prática profissional, enquanto não pode

formar-se utilizando recursos dessa via, como os cursos à distância, que não são recomendados pelo CFP.

Fomentamos também a necessidade de que a discussão sobre a internet e as redes seja ampliada na academia, com novas pesquisas e estudos, e que passe a fazer parte da formação dos profissionais em psicologia, favorecendo o desenvolvimento ético e responsável desta área.

As características múltiplas da internet, apontadas por Hine (2015), somada às desterritorializações e a formação de comunidades (Castells, 1999, Lévy, 1999 e Recuero, 2009, 2012) que são, ao mesmo tempo, globais e locais atravessam as práticas de vida, alteram seus valores (Guareschi, 2017), abrem as instituições (Domènech e Tirado, 2001, 2002), transformam a vida (Lévy, 1999).

Não há como fugir da realidade da internet, mas enquanto cientistas e cidadãos devemos entendê-la e ocupá-la de maneira que favoreça a produção subjetiva, as práticas sociais e a vida.

REFERÊNCIAS

AMARAL, I. *Redes Sociais na Internet:* sociabilidades emergentes. Covilha-Portugal: Labcom, 2016.

ANDERY, A. A. Psicologia na comunidade. In S. T. M. LANE ;W. CODO (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 203-220.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BLEGER, J. *Psico-Higiene e Psicologia Institucional.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. São Paulo: Saraiva, 2001.

_____. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: Março de 2016.

CAMPOS, R. H. F. Introdução: A Psicologia Social Comunitária. In R. H. F. CAMPOS (Org.), *Psicologia Comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 9-16.

CASTELLS. M. *A sociedade em Rede.* São Paulo: Paz e terra, 1999.

_____. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. *A sociedade em rede: do conhecimento à acção política.* Debates Presidência da República: Belém, 2005, p. 17 - 30.

_____. *Redes de indignação e esperança:* Movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COELHO, M.P. Vozes que ecoam: Feminismo e mídias sociais. *Pesquisas e práticas em psicologia,* 2016, 11(1), p. 214-224.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Mídia e psicologia: produção de subjetividade e coletividade.* 2ed. Brasília, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução n° 010, de 21 de julho de 2005. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em: <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/codigo_etica.pdf> Acessado em: Março de 2016.

DOMÈNECH, M.; TIRADO, F.J. Lo virtual y lo social. *Athenea Digital.* Barcelona, nº1, 2002.

ECO,U. *Seis Passeios Pelo Bosque da ficção*. 1932. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

FARAH, M. F. Gênero e políticas públicas. *Estudos Feministas*. v.12, n.1, 2004, p. 47-71.

FIGUEIREDO, L. C. *A invenção do psicológico*: quatro séculos de subjetivação (1500-1900). São Paulo:Educ/Escuta, 1992.

FREITAS, M. F. Q..Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. *Psicol. Reflex. Crit*. 11(1), 1998. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000100011&lng=en&nrm=iso.doi: 10.1590/S010279721998000100011

GALANTE, C. *Cidadãos Conectados: a revolução das vozes alternativas*. (Dissertação mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, RS, Brasil, 2011.

GUARESCHI. P. Mídia e Cidadania. *Conexão – Comunicação e Cultura*. Caxias do Sul: USC. v. 5, n. 9, jan./jun. 2006, p. 27-40.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. v. 5, 1995. p. 07-41.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. de F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia & Sociedade*, v. 14, n. 1, jan/jun, 2002, p. 44-68.

HINE, C. *Ethnography for the internet:* embedded, embodied and everyday. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

_____. Introducción. In: HINE, C. *Etnografia Virtual*. Barcelona: UOC, 2000. p. 01-23.

_____. From Virtual Ethnography to the Embedded, Embodied, Everyday Internet. In: HJORTH, L. (ET. AL) *The Routledge companion to digital etnography*, 2017, p. 21-28.

KOSIK, K. *Dialética do concreto.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

KOZINETS, R.V. Culturas e Comunidades Online. In: KOZINETS, R.V. *Netnografia*: Realizando Pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014, p. 09-26.

LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In S. T. M. LANE ; W. CODO (Orgs.), *Psicologia Social: O homem em movimento* São Paulo, SP: Brasiliense, 1984, p. 10-19.

LEMOS, A.; LÉVY, P. *O futuro da Internet*: Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. O *Que é Virtual?.* Rio: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P; AUTHIER, M. *As árvores de conhecimentos*. São Paulo: Escuta, 2000.

LOURAU, R. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*, Rio de Janeiro: UERJ, 1993

_____. O Instituinte contra o instituído. In: ALTOÉ, S. (org.) *René Lourau: Analista institucional em tempo integral*. Rio de Janeiro: Hucitec, 2004. p.47-65.

LIMA, A. B. Privacidade. In: Avorio, A.; Spyer, J. *Para entender a internet*. Paraentender.com. 2015, p. 221-223.

MININI, G. *Psicologia Cultural da mídia.* Girafa, 2008.

MONTEIRO, L. A *internet como meio de comunicação*: possibilidades e limitações. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande –MS, set, 2001,p. 27-37.Disponível em: http://www.jack.eti.br/www/arquivos/documentos/trabalhos/fae/Trabalho_Redes_Adinarte_26032008.pdf. Acesso em: novembro de 2017.

MURILO JÚNIOR, J. Ecologia Digital. In: Avorio, A.; Spyer, J. *Para entender a internet*. s/l. Paraentender.com, 2015, p. 201-205.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Mai-ago. v.18, n.2, 2002. p. 193-202.

NOGUEIRA, C. Feminismo e psicologia social: contribuições para uma perspectiva crítica. In T. M. TOLDY; J. C. CARDOSO (Orgs.), *A igualdade entre mulheres e homens na Europa às portas do século XXI*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2000.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet.* Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. O capital social em rede: Como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporânea.* (UFBA. Online), v. 10, 2012, p. 597-617. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/6295. Accessado em: dezembro de 2017.

RECUERO, R; ZAGO, G. Em busca das "redes que importam": redes sociais e capital social no Twitter. *Líbero*. São Paulo, v.12, n.24, p. 81-94, 2009

SERIDÓRIO, D. F.; GRACIANO, D. A.; MAGALHÃES, E.; VICENTE, G.H.; LOPES, J, C. Movimento Feminista em rede: análise do Blog e do Facebook "Lugar de mulher". *Pensamento Plural.* V. 17, 2015. P. 151 – 172.

SCARPARO, H.;GUARESCHI, N. Psicologia social comunitária e formação profissional. *Psicologia & Sociedade*. 19 (2), 2007, p. 100-108.

SCHIMIDT, E.; COHEN, J. *A nova era digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios.* Rio de Janeiro: Instrínseca, 2013.

TIRADO, F.; DOMÈNECH, M. Extituiciones: del poder y sus anatomias. *Política y Sociedade*. Madrid, Nº 36, 2001, p. 191-204

TOMAZETTI, T. P.; BRIGNOL, L. D. A Marcha das Vadias e o fenômeno do feminismo comunicacional: usos sociais do Facebook na construção de políticas de identidade de gênero na sociedade em rede. *Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación*, 2015. Recuperado de http://revistaredes.hospedagemdesites.ws/index.php/revista-redes/article/view/366

THOMPSON, J. *A mídia e a modernidade*: Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011.

VYGOTSKI, L. S. El problema y el método de investigación. In: *Obras escojidas II*: Pensamiento y lenguaje. Madrid: Visor, 1934/1993. p. 15-27.

VANALI, A. C. Agnes Heller e Michel de Certeau: propostas de análise sobre a vida cotidiana. Vozes, Pretérito & Devir. Ano III, 4(1), 2015. p. 110-125.

VIEIRA, V. F. *Comunicação e Feminismo*: as possibilidades da era digital. [Tese de Doutorado], São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.